

Entrevista com Ricardo Vieiralves de Castro

Ricardo Vieiralves de Castro é professor universitário, exercendo esta função desde 1987 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pertence ao quadro permanente da Uerj como professor adjunto do Instituto de Psicologia.

Fez graduação na Uerj, em psicologia, mestrado na Puc-Rio em psicologia clínica, e doutorado em Comunicação e Cultura na UFRJ. Exerceu a função de sub-reitor de Extensão e Cultura e de Graduação da UERJ, subsecretário e secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, e

atualmente dirige o Museu da República. Publicou artigos em livros e revistas especializadas do Brasil e do exterior.

Arquivo Nacional. *Como deve ser caracterizada a missão institucional do Museu da República?*

Ricardo Vieiralves de Castro. O Museu da República foi criado em 1960, por ocasião da transferência da capital, do Rio de Janeiro para Brasília. O Palácio do Catete foi construído na segunda metade do século XIX por um cafeicultor português, com fazendas no interior do

Estado do Rio de Janeiro, para ser a residência da Corte. Em 1897, no mandado de Prudente de Moraes, terceiro presidente do Brasil, é adquirido pelo Estado e transformado em sede da Presidência da República.

Considero que a principal missão do Museu da República é preservar, manter, guardar e, principalmente, estimular a memória republicana do Brasil. O que significa tratar a República como um “objeto de museu” vivo, que tem história, contexto, conflito e percalços e que pode e deve ser dimensionado de maneira prospectiva no futuro do Brasil. Na realidade, a missão do Museu da República é pensar o Brasil na sua história recente.

Arquivo Nacional. *Poderia abordar alguns aspectos históricos e políticos relacionados ao Palácio do Catete como um “lugar de memória”?*

Ricardo Vieiralves de Castro. O mais marcante é, sem dúvida, o suicídio de Getúlio Vargas. Nós preservamos o quarto de Getúlio como um local de memória e de reflexão sobre os acontecimentos dramáticos da crise de agosto de 1954. Foi do Palácio do Catete que o Brasil foi governado e todos os acontecimentos de Estado, de 1897 a 1960, relacionam-se a este casarão.

Além disso, desde o século XIX, já nos romances de Machado de Assis, e na crônica de época, o casarão foi denominado indevidamente de palácio (aqui não tivemos nem reis, nem imperadores) por sua beleza e ostentação. A crônica da época

dizia, maliciosamente, que um “rico cafeicultor português construiu um palácio, enquanto o imperador morava num conjunto de casas velhas”.

O Palácio do Catete é um lugar da memória republicana e da história recente do nosso país.

Arquivo Nacional. *Quais são os principais projetos e atividades desenvolvidos pelo Museu da República?*

Ricardo Vieiralves de Castro. O Museu da República tem algumas especificidades em relação a outros museus do sistema nacional de museus da União. Por possuir um parque aprazível, é freqüentado por milhares de pessoas (cerca de 120 mil visitantes no parque por mês) que exercem uma curiosa função, comum nos países europeus, de controle e participação comunitária. Nós estamos em forte investimento no Parque do Catete, inclusive com um projeto novo de iluminação, com o apoio de Furnas.

Também fizemos uma série de obras de restauração e acreditamos que o palácio encontra-se em excelente estado de conservação e preservação.

Criamos uma editora, ampliamos o atendimento às escolas, e redesenhamos as exposições permanentes, tendo uma preocupação didática com o nosso visitante.

Ampliamos e consolidamos nossas relações com os movimentos sociais, artistas e grupos variados e tratamos de trazer à cena republicana vários debates sobre o desenho de futuro do nosso país.

Arquivo Nacional. *Qual a sua posição acerca da importância da função educativa dos museus?*

Ricardo Vieiralves de Castro. Os museus são um espaço privilegiado de educação e memória. Lamentavelmente, no Brasil estamos muito distantes de uma ação efetiva no sentido da relação entre museu e escola e outros entes da sociedade civil que têm função educativa. Nossa visitação ainda é baixa e nos envergonha como país, na comparação com outros países da América Latina, como o México, por exemplo.

Creio que o maior desafio de uma política de museus é atuar agressivamente na formação de público e no aumento da visitação. E produzir, em conjunto com o sistema educacional, formal e não formal, materiais educativos e de reflexão sobre o Brasil.

Arquivo Nacional. *Como devem ser estimulados os estudos e as pesquisas sobre o desenvolvimento da cultura republicana no Brasil?*

Ricardo Vieiralves de Castro. A cultura republicana no Brasil é um objeto de estudo transdisciplinar que nos remete, necessariamente, para um grande debate sobre a nação brasileira e as relações entre Estado e sociedade.

Ora, esta é uma questão central do modo de Estado, da democracia e da dinâmica social do país. No Brasil tivemos muitos poucos teóricos que refletiram sobre esta questão e traduziram um projeto de país. Joaquim Nabuco, Sérgio Buarque de Hollanda, Josué de

Castro, Darci Ribeiro, Mário de Andrade, Silvio Romero estão entre os grandes. Mas, me parece, que nossos estudos sobre o Brasil abandonaram o caminho destes grandes pensadores brasileiros e se fragmentaram, em uma forma pós-moderna, de um espelho partido, em textos que não podem ser somados ou refletidos.

Creio que a universidade brasileira abdicou de sua missão de pensar o Brasil, e que, também, todos nós nos ultra-especializamos em nossas competências e análises.

Por isso tudo, acredito que a retomada dos ensaios pode ser um bom caminho. Deveríamos estabelecer um grande estímulo e um programa para o desenvolvimento de ensaios sobre o Brasil. Acho que daí pode vir alguma nova forma de pensar nosso país, sem a burocracia acadêmica ou o formalismo metodológico.

Arquivo Nacional. *Considerando a sua trajetória acadêmica, quais são as relações que podem ser desenvolvidas entre a universidade e os museus?*

Ricardo Vieiralves de Castro. As universidades e os museus falam muito pouco. Quase não têm interface. É preciso criar todas as interfaces. Os museus disponibilizarem seus acervos para pesquisadores universitários, sem burocracia e impedimentos; as universidades terem nos museus um campo para a iniciação científica; protocolos de trabalho conjunto sobre determinados objetos ou temas. Enfim, a universidade e os museus

terem relações de fato. O que hoje acontece é tímido, pequeno e sem grande importância.

Arquivo Nacional. *Qual a sua opinião sobre as parcerias que podem ser estabelecidas para a preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro?*

Ricardo Vieiralves de Castro. Todas as parcerias, especialmente com os meios de comunicação, que criem acessibilidade, ou seja, que permitam que a população brasileira venha ao museu e com

ele se encante. E isto é uma política que só pode ser promovida pelo Estado.

Considero que você só tem interesse, e aqui vai um pouco de psicologia, de preservar o que conhece e com o que tem laços afetivos. Os museus devem ser um ponto de reunião entre a história dos indivíduos, suas famílias, e os acontecimentos sociais.

Entrevista realizada por Dalton José Alves e Alexandre Manuel Esteves Rodrigues.